

DOMINGUES DE AZEVEDO

Presidente da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC)

**O SNC**

Início hoje, neste prestigiado diário especializado, uma coluna de colaboração quinzenal, na qual pretendo expressar a minha opinião no âmbito de matérias com crescente relevância no quotidiano dos cidadãos e das empresas: a Contabilidade e a Fiscalidade. Questões que, embora aparentemente colaterais, têm uma influência decisiva na vida das pessoas e na evolução económica do País.

A ideia, excessivamente enraizada na nossa sociedade, de que a informação contabilística interessa apenas aos gestores e investidores das empresas e às instituições financeiras começa a ser posta em causa até pelo cidadão menos atento. Na verdade, com a introdução do Sistema de Normalização Contabilística (SNC) não se altera apenas uma ou outra questão organizacional, de avaliação e reconhecimento de activos, passivos e capitais próprios. As demonstrações financeiras têm neste novo modelo um alcance mais alargado, conferindo às empresas e empresários uma dimensão de interesse externo muito mais ampla do que até aqui tem sido hábito. Desde logo aos colaboradores das empresas, o mesmo é dizer, os cidadãos que nessas entidades ganham o seu sustento, constituindo-se como uma fundamental fonte de realização das suas expectativas sociais. E também ao Governo, enquanto entidade gestora do interesse social, na medida em que beneficia de uma fonte fidedigna para a determinação da capacidade contributiva de empresas e cidadãos.

Para além de alterar a lógica de organização administrativa das nossas empresas, o SNC é, em primeira análise, uma perspectiva distinta de ver, estar e fazer contabilidade, introduzindo um conjunto muito significativo de valores no nosso léxico contabilístico.

O ano que começou há dias concita uma enorme expectativa dos cidadãos. Todos, sem excepção, esperam continuar a desfrutar de níveis de vida que as economias não têm

condições de suportar, ganhos incompatíveis com a riqueza criada e, acima de tudo, a prevalência de uma cultura onde se sobrevalorizam os direitos e se omitem os deveres. No fundo, uma cultura onde impera a “Estado-dependência”, que tudo concede e nada pede em troca, assente numa base em que determinada “casta” de homens e mulheres ainda têm a ousadia e o rasgo de construir riqueza que outros vão desbaratando sem piedade.

No que respeita aos Técnicos Oficiais de Contas, 2010 é um ano em que depositamos grandes expectativas. Os olhos dos profissionais estão postos na nova Ordem e nos reflexos que a alteração estatutária vai implicar nas tarefas e áreas de intervenção que lhes estão destinadas. Afirmar-se-ão como verdadeiros parceiros nas decisões de gestão a tomar no âmbito empresarial.

Apesar de confrontados com desafios de tamanha profundidade, deposito grandes esperanças no ano de 2010. É nos momentos de maior exigência que se afere a maturidade das sociedades e dos seus cidadãos. ■

Com a introdução do SNC não se altera apenas uma ou outra questão organizacional e de avaliação.
